

HISTÓRIA E CULTURA DOS ITALIANOS E SEUS DESCENDENTES: O COSTUME DO FILÓ EM LOCALIDADES DO VALE DO TAQUARI/RS

Vanderlisa Ferreira Gomes¹ e Luís Fernando da Silva Laroque²

RESUMO: Este estudo tem o intuito de analisar os elementos da cultura italiana nos filós comunitários, em municípios como Encantado e Doutor Ricardo, por meio de eventos como a gastronomia, língua, canções, entre outros. O estudo está composto de três partes: a primeira ressalta a imigração italiana no Brasil e no Rio Grande do Sul; a segunda analisa diversos elementos da cultura italiana, por intermédio da religião, da língua (dialetos), das canções, da gastronomia e dos jogos; por fim, a terceira parte trata especificamente dos filós comunitários entre descendentes de italianos.

PALAVRAS-CHAVE: Cultura. Filó. Italianos. História. Vale do Taquari.

1 INTRODUÇÃO

No final do século XIX e início do século XX, as mudanças estruturais que ocorriam no mundo ocidental, em decorrência da expansão do capitalismo, fizeram com que milhares de europeus se movimentassem em direção à América em busca de uma vida melhor, entre eles os italianos, que vieram para o Brasil no final do século XIX, mais precisamente a partir do ano de 1875. O tema proposto neste artigo tem como recorte temporal o final do século XIX até o início do século XXI, mais especificamente dos anos de 1875 a 2002, tendo o intuito de analisar elementos da cultura italiana por meio dos filós comunitários nos municípios do Vale do Taquari, Encantado e Doutor Ricardo, e também por intermédio dos vários elementos que compõem a cultura italiana. O material para pesquisa baseou-se em autores como Geertz (1978), Santos (1983), Brandão (1986), Barth (1998) e Burke (2003), como suporte de análise para as fontes documentais e bibliográficas estudadas. Embasado também em Alberti (2004) e Janotti (1996), recorre-se à metodologia da História Oral por meio de entrevistas, visando a estudar a continuidade de elementos da cultura italiana, observando também a prática dos filós comunitários.

2 A IMIGRAÇÃO ITALIANA NO BRASIL

Com o advento, principalmente na Europa, do sistema capitalista de produção, processa-se o fim de uma sociedade camponesa e feudal, fazendo com que significativas mudanças passassem a ocorrer na economia e no modo de vida dos homens. A Europa, em fins do século XIX, passou de uma economia ligada ao setor agrário para uma economia industrial. Isso acarretou graves problemas, pois um grande contingente de mão-de-obra destituído da terra passou a formar uma classe de trabalhadores assalariados. O novo sistema foi incapaz de absorver toda a mão-de-obra disponível, o que levou milhares de pessoas ao desespero, à fome e à imigração, especialmente para

1 Licenciada em História pelo Centro Universitário UNIVATES, Lajeado/RS. vanderlisagomes@yahoo.com.br

2 Mestre e Doutor em História pela Unisinos. Professor do Curso de História e do Programa de Pós-Graduação Ambiente e Desenvolvimento da Univates. Orientador do artigo de Vanderlisa. lflaroque@terra.com.br

a América. Os principais países que promoveram e lucraram com a imigração foram a Alemanha e a Itália.

Conforme [Iotti](#) (1996, p. 26),

o fenômeno migratório ocorrido no século XIX ao século XX está ligado diretamente à expansão do capitalismo europeu e às transformações das estruturas políticas, econômicas, sociais, vigentes na Europa e no Brasil, herdadas de um período anterior que era, na Europa, feudalismo e, no Brasil, escravatura.

Como já foi ressaltado, sabe-se que o capitalismo foi um dos grandes responsáveis pelo enorme contingente de imigrantes que deixaram a Itália rumo ao Brasil, mas a intensa propaganda também auxiliou nesse processo:

Impossível ignorar a intensa propaganda desenvolvida pelos governos interessados na imigração e, em vários momentos, pelo próprio governo italiano, propaganda que certamente alimentava o imaginário coletivo com visões fantásticas do *país da fartura*, onde, além de frutos, moedas de ouro brotavam das árvores. Embora a realidade tivesse golpeado a imaginação, os imigrantes tiveram como alternativa lutar pela sobrevivência ou morrer. No entanto, à medida que os problemas encontravam solução, renascia no ideário do grupo a antiga expectativa do sucesso material e social ([FAVARO](#), 2006, p. 314, grifo do autor).

Percebe-se claramente, a partir disso, que a propaganda feita na Itália foi de suma importância para que milhares de pessoas cruzassem o oceano em direção à América, mais especificamente ao Brasil. Prometia-se uma terra de sonhos, riquezas e muita fartura, onde em pouco tempo eles enriqueceriam. Essa propaganda alimentava o imaginário de milhares de italianos pobres e sem terra. Contudo, chegando ao Brasil, a dura realidade que os esperava acabou por mostrar que tudo não passava de fantasia e propaganda enganosa.

A situação da mão-de-obra na Europa e na América diferenciava-se muito, pois enquanto havia grande abundância na Europa, havia carência crônica na América. Isso possibilitou que, entre 1875 a 1914, mais de 40 milhões de pessoas, em busca de trabalho no outro lado do oceano, deixassem o Velho Continente. Pode-se afirmar que a entrada em massa de imigrantes italianos no Brasil, e mais especificamente no Rio Grande do Sul, ocorreu dentro das grandes transformações socioeconômicas que o sistema capitalista de produção provocou no Ocidente europeu durante o século XIX.

A imigração europeia no Brasil, para atender às exigências históricas do capitalismo, indica aos italianos duas direções diferentes: uma para São Paulo e outra para o Rio Grande do Sul. Em São Paulo, a imigração visa a solucionar o problema da escassez de mão-de-obra nas lavouras cafeeiras, gerado pela abolição da escravatura. A lavoura cafeeira cada vez mais se expandia, passando o café a ser o principal produto brasileiro de exportação. Já no Rio Grande do Sul, ela não era vista como solução alternativa para aqueles cuja produção se baseava no trabalho escravo, mas se destinava a sanar as dificuldades inerentes a particularidades da situação da economia rio-grandense no contexto da economia nacional.

Sabe-se que há grande diferença entre o trabalho e a vida dos italianos no Rio Grande do Sul e em relação a São Paulo, pois a maioria dos imigrantes que se dirigiam para São Paulo trabalhavam preferencialmente nas fazendas de café, como uma espécie de "escravos brancos", ou seja, numa forma camuflada de escravidão para os fazendeiros proprietários dos cafezais. Devido a isso, eles não foram bem sucedidos, pois a propriedade da terra lhes foi negada ou dificultada ao máximo. Já no Rio Grande do Sul isso não ocorreu, pois os primeiros imigrantes receberam lotes e viraram pequenos proprietários.

No Rio Grande do Sul, em 1875, tem início a última etapa do povoamento no século XIX, com a chegada das primeiras levas de imigrantes italianos. Estes vão se localizar nas terras devolutas do Império, situadas na encosta superior do planalto. A vinda dos imigrantes italianos fazia parte da política de imigração e colonização do Governo Imperial.

Quando os imigrantes italianos chegaram ao Rio Grande do Sul, boa parte da encosta do planalto já estava ocupada pelos imigrantes alemães, que chegaram a partir de 1824. Aos italianos caberia a zona das matas, extensas áreas de terras devolutas que haviam sido deixadas de lado pelos portugueses, mais interessados na criação do gado (MANFROI, 2001).

A região colonial que foi destinada aos italianos estava precisamente situada na encosta superior do planalto, entre os vales do rio Caí, do rio das Antas e as colônias alemãs localizadas no que se chamava na época de Baixo Taquari. Sobre esse assunto, destaca Manfroi (2001, p. 61):

As colônias italianas do Rio Grande do Sul foram estabelecidas na Encosta da Serra, ao norte das colônias alemãs de São Sebastião do Caí, Montenegro, Estrela e Lajeado. A serra, palavra que designava a orla meridional do planalto, foi o território oferecido aos imigrantes italianos. A densidade da floresta subtropical, os profundos vales, a falta de estradas tornavam essa região hostil e de difícil exploração.

Na segunda metade do século XIX, teve início a colonização italiana no Vale do Taquari, completando o processo de formação étnico-cultural da região, formação esta bastante diversificada. Inicialmente, tradicional território indígena, passou a ser colonizada por portugueses que trouxeram os negros, seguiram-se os açorianos, os alemães e os italianos. Tratando-se do Vale do Taquari/RS, os italianos ocuparam as encostas e a “região alta” do Vale.

A colonização italiana foi extremamente promissora para o Brasil e, em particular, para o Rio Grande do Sul. Contribuiu para a exploração e valorização de imensas regiões até então abandonadas pelos europeus, ao desenvolvimento da agricultura, ao fortalecimento da indústria e do comércio. Ademais, todos os descendentes de imigrantes italianos passaram a se considerar tão gaúchos e brasileiros como os descendentes dos luso-brasileiros, teuto-brasileiros ou de outras etnias.

A presença do imigrante italiano em regiões do país, como São Paulo, Rio de Janeiro e Rio Grande do Sul, teve repercussões na estrutura política, econômica e cultural da sociedade brasileira. Ou seja, as contribuições do processo migratório na cultura do povo brasileiro foram e são muitas e notáveis.

A vinda dos imigrantes italianos provocou mudanças significativas no perfil da sociedade brasileira, pois contribuíram de forma decisiva para o processo de crescimento e diversificação da economia devido à bagagem cultural que trouxeram. Com a imigração italiana no Estado, novo mundo e nova cultura se instalam nas terras antes dominadas por um primeiro grupo de pessoas chamadas de rio-grandenses.

3 ELEMENTOS CULTURAIS ITALIANOS

A cultura representa o modo de viver de cada povo. Nesse sentido, elementos como danças, tradições, crenças religiosas, hábitos e costumes fazem parte da tradição de um grupo étnico. A história do Brasil, e mais especificamente do Rio Grande do Sul, é muito rica em elementos culturais e influência das diversas etnias, tais como: indígenas, negros, açorianos, alemães, italianos, poloneses, entre outros, que contribuíram para a formação da sociedade.

Conforme Santos (1983, p. 46), “[...] a cultura é a dimensão da sociedade que inclui todo o conhecimento num sentido ampliado e todas as maneiras como esse conhecimento é expresso. É uma dimensão dinâmica fundamental das sociedades contemporâneas”.

Em vista disso, grande parte da cultura brasileira formou-se com a contribuição dos grupos étnicos vindos de terras longínquas e também pelas distintas e diversas sociedades nativas. Dentre estas, destacam-se a do indígena, negro, do açoriano, do alemão, do italiano, entre outras. Percebe-se claramente que a formação do povo sul-rio-grandense teve grande contribuição dos elementos culturais italiano, já que muitos desses imigrantes estiveram presentes em muitos momentos da sociedade rio-grandense.

Sobre esse assunto, [Barth](#) (1998) salienta que cada povo mantém sua cultura, mesmo em contato com outras etnias, mas ainda persiste a visão simplista e etnocêntrica dos menos esclarecidos de que o isolamento geográfico e social é que tem propiciado as continuidades culturais.

Os colonos procuravam, sempre que possível, manter a proximidade com seus conterrâneos de localidades e regiões da Itália. A partir do momento em que recebiam os lotes e começavam a desenvolver seus cultivos, construir casas e ostentar o fruto do trabalho, a representação de colono italiano no Brasil adquiria sentido. Tornavam-se proprietários, alimentavam-se bem, trabalhavam em família e cultuavam a fé, o que permitia manter vivo elementos da ordem cultural da terra de origem em terras brasileiras.

Colocados em pequenas propriedades, uns ao lado dos outros, puderam desenvolver-se mantendo um relacionamento de vizinhança e amizade, bem como conservando as características culturais. Os principais elementos da cultura trazidos pelos imigrantes italianos que se estabeleceram no Rio Grande Sul, a partir de 1875, tinham por base, por exemplo, o uso de dialetos de cada região de costume e também as residências, a alimentação, a vestimenta, o divertimento, a música, o lazer e a religião.

Em cada núcleo colonial, a igreja ocupava o ponto principal, e a construção de igrejas e capelas mobilizava sempre a participação coletiva, com doação de material e trabalho voluntário. Também os capitéis, as pequenas capelinhas construídas ao longo de estradas, geralmente numa encruzilhada ou em terras particulares, testemunham a religiosidade dos imigrantes e a frequência dos cultos familiares. O fervor religioso era cultivado com rigor nas famílias. Havia orações para todo o momento: para a manhã, para a noite, para a hora das refeições. À noite, mesmo cansados, rezavam o terço de joelhos no chão, encostados nos bancos, ao lado da mesa.

Segundo [De Boni](#) (1982), ao redor da capela começou a girar, de modo quase absoluto, a vida social dos imigrantes italianos. A capela não significou apenas o local de culto, tornou-se o centro cultural, político, econômico e religioso. Anexados à capela, localizavam-se o cemitério e o salão de festas.

A fé e a cultura, em conjunto, constituíram uma força de coesão muito forte. Foi através da religião que os primeiros imigrantes se encontraram consigo mesmos e com os outros, estabelecendo a sua própria identidade cultural. Os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul eram, em sua maioria, católicos praticantes. A participação nas celebrações litúrgicas, nos domingos e dias de festa, era uma obrigação moral, pois só o praticante era considerado pessoa de fé, digno de estima e aceito pelos demais. O sacerdote gozava da mais alta consideração e suas palavras tinham, em geral, a persuasão da lei ([MANFROI](#), 2001).

A religião foi, sem sombras de dúvida, um fator de integração e uma força dinâmica, que permitiu ao imigrante italiano fugir da desintegração social, oferecendo-lhes um quadro sociocultural no qual ele se reconhecia e se expandia. Nas colônias do Rio Grande do Sul, a língua de origem, os costumes e as tradições italianas foram preservados durante várias gerações, o que dá a toda região italiana características que a distinguem de outras regiões do restante do Estado.

A vida coletiva dos primeiros imigrantes sofreu uma dupla influência: de um lado, a religião que controlava o pensamento, a palavra e a conduta, e, de outro, a tradição da oralidade, por meio da

qual tudo era preservado e transmitido. A linguagem oral constituiu-se em um liame fundamental na vida social e comunitária dos imigrantes italianos e seus descendentes. Constituiu-se, além do mais, de um meio expressivo de uma autêntica cultura.

Sabe-se que, pela força das circunstâncias, as recordações dos mais velhos é uma memória do privado, voltada para a família e o íntimo. Sendo assim, a história oral possibilita tornar essas histórias privadas e particulares, públicas e acessíveis a todos.

Conforme [Janotti](#) (1996), ao resgatar a memória pela narrativa oral, a História Oral rompe com silêncios provenientes do cotidiano, do fazer anônimo, revelando acontecimentos, experiências e mentalidade que não se encontram nos documentos escritos e nas versões oficiais da historiografia.

Cabe destacar que os imigrantes italianos, na sua quase totalidade, não conheciam o italiano oficial, falavam dialetos. Até porque, mesmo com a unificação italiana no século XIX, não se sentiam portadores de uma identidade nacional, mas sim da região italiana a que pertenciam. Com o passar do tempo, os diversos dialetos acabaram agregando-se num só. Devido a isso, pode-se ressaltar que houve um hibridismo cultural do ponto de vista linguístico, quando se reflete de acordo com [Burke](#) (2003, p. 55), o qual destaca que “encontros culturais produzem formas novas e híbridas”.

No início, os imigrantes italianos no Rio Grande do Sul sentiram certa dificuldade para se integrar a outros imigrantes italianos, pois a grande maioria deles era oriunda de vilarejos ou regiões distintas, tendo cada uma o seu dialeto. Em decorrência do número de falantes, havia amplo predomínio do dialeto vênето ([SANTIN](#), 1996).

Uma das formas mais importantes de proteger e estimular a herança cultural italiana consiste na manutenção da língua, ou seja, do dialeto, pois a manutenção da língua falada garante a permanência de outros valores ou, ainda, ao cultivar o dialeto, todo um conjunto de elementos culturais são também preservados, tais como: a música, os provérbios, as receitas de culinárias e de medicina caseira, as lendas, as brincadeiras infantis, entre outras.

Conforme [Manfroi](#) (1999, p. 47), ainda em relação ao dialeto, o autor ressalta que “ontem falava-se o dialeto para comunicar-se. Hoje, fala-se o dialeto para preservá-lo”.

A preservação do dialeto favoreceu também a preservação de um conjunto de músicas típicas, algumas tão velhas quanto a própria imigração, outras mais recentes, compostas em solo gaúcho. As canções também se constituem em importante chave de compreensão do universo simbólico dos italianos e seus descendentes.

O repertório de canções, como as que os imigrantes italianos trouxeram para o Sul do Brasil, torna-se a descrição completa de um povo que une as suas angústias e esperanças, pois eles cantam no trabalho; no descanso; cantam no caminho entre o trabalho e a casa; cantam louvando o sagrado; o humor do pecado; cantam as pequenas e grandes alegrias; cantam os sonhos e a dor; cantam sobre o vizinho, a família, a esperança e, por fim, cantam o amor.

O canto para os imigrantes italianos tratava-se de uma maneira de esquecer as preocupações do dia-a-dia, uma verdadeira celebração de coragem diante das dificuldades. A comida e a bebida estavam ligadas ao canto, para criar um clima de amizade e de integração.

Além das canções, a gastronomia também é ainda muito presente na mesa dos descendentes italianos, principalmente dos mais velhos. O prato típico do colono italiano é a polenta, que muitas vezes foi motivo de chacota. Isso porque a polenta acabou sendo sinônimo de comida de pobre, não a comendo o imigrante rico. Mas o colono, que labutava no pesado, sempre teve na polenta a comida base. Comia-se polenta no café da manhã, no almoço e na janta. A polenta é uma comida de alto teor energético e de fácil digestão.

Tanta importância como alimento cotidiano garantiu à polenta ser louvada entusiasticamente em canções que atravessaram os tempos e chegaram aos dias de hoje. A música “La Bella polenta” relata, de certa forma, todo o processo, desde o plantio do milho até a preparação do prato.

A polenta pode ser interpretada como uma espécie de traço da identidade dos descendentes italianos, inscrevendo-se hoje no quadro dos nossos costumes. É pouco provável que alguém associe a polenta aos astecas, às divindades maias e incas, aos alemães ou luso-brasileiros. A polenta lembra quase que de imediato o imigrante italiano e é, para ele, um bem que lhe pertence, tanto quanto a uva e o vinho. Devido a isso na atualidade come-se polenta porque faz parte da nossa cultura tanto quanto beber vinho.

Os descendentes de italianos no Rio Grande do Sul também manifestam sua identidade étnica mediante a reprodução de uma culinária própria, em parte trazida pelos imigrantes e em parte construída em solo gaúcho. Trata-se de um receituário considerado pela sociedade envolvente como típico de italianos, que põe a mesa, no cotidiano dos seus habitantes e especialmente em momentos festivos das comunidades locais, como sopa de agnolini, massas, polenta, salames, radicci, pães, queijo, doces, e muito vinho, de preferência de produção local. É possível perceber que muitas das práticas dos antigos imigrantes, em matéria de gastronomia, atualizaram-se e continuam vivas e em pleno uso. A polenta é um bom exemplo disso (MOLON, 2001).

Os primeiros imigrantes italianos trouxeram para o Rio Grande do Sul uma grande variedade de massas, sendo elas o tortéi, a taiadella, o agnolini, o bigoli e o espaguete. Os doces mais apreciados são a cuca, os biscoitos caseiros e os grostolis, além do sagu e do sùgolo (MOLON, 2001).

Os jogos típicos dos primeiros imigrantes italianos também podem ser vistos como parte integrante da identidade étnica. Os principais jogos eram a mora, o jogo de bochas e o jogo de baralho. A mora era um dos esportes preferidos, que marcava os filós e encontros ao redor da capela. Eles reuniam-se em torno da mesa e gritavam 2, 2, 2, 2, 3, 3, 3, 3, 6, 6, 6, 6, com os dedos na mesa. Fazia ponto quem somasse o número certo proposto, somando seus dedos estendidos e os do adversário. É essa também uma das explicações da ligeireza dos imigrantes em fazer as contas mentalmente (DE BONI, 1982). Outro jogo muito apreciado é o jogo de baralho, que engloba a bisca, trisete, quatrilha, escova, entre outros.

Contribuindo para essa questão, Burke (2003, p. 101-102) salienta que:

em nosso mundo, nenhuma cultura é uma ilha. Na verdade, já há muito que a maioria das culturas deixaram de ser ilhas [...] todas as tradições culturais hoje estão em contato mais ou menos direto com tradições alternativas [...] as tradições são como áreas de construção, sempre sendo construídas e reconstruídas.

Sobre isso, é possível refletir a respeito da primazia da autorrepresentação dos grupos em relação à cultura e constatar que, mesmo que os traços culturais mudem, as identidades persistem. A cultura é vista como algo dinâmico e em constante reelaboração. Além disso, a cultura, ao invés de ser o pressuposto de um grupo étnico, é, de certa forma, produto deste, ou seja, nessa perspectiva o grupo gera a cultura, a sua identidade, em função das situações históricas e interétnicas.

4 A CONTINUIDADE DA CULTURA ITALIANA POR MEIO DOS FILÓS

Os filós são um dos aspectos da vida social das comunidades. Desempenham papel importante no conjunto das atividades dos grupos. São reuniões de pessoas da comunidade, em que também eram difundidas notícias vindas por meio das cartas, enviadas por parentes e amigos que ficaram na Itália. Fazem parte da cultura italiana e foram os primeiros imigrantes que trouxeram esse costume para o Brasil a partir de 1875, e mais especificamente para o Rio Grande do Sul.

A cultura de se fazer o filó, como se sabe, consistia num encontro social entre parentes, amigos e vizinhos realizado muitas vezes no paiol, na cozinha, no porão ou mesmo ao ar livre. Depois do jantar, homens, mulheres e crianças iam à casa do vizinho para conversar ou muitas vezes para debulhar milho.

Na Itália, o filó era um pouco diferente do filó que ocorre no Rio Grande do Sul, pois lá o inverno é mais rigoroso e os vizinhos viviam próximos uns dos outros. Sobre isso José Clemente Pozenato destaca:

A experiência vivida nas regiões de emigração, com exceção das regiões de montanha, era a de uma vizinhança próxima, em pequenas aldeias - os paesi. [...] O regime de colônias, com propriedades familiares da ordem de 25 hectares em média, oferecido ao imigrante no Rio Grande do Sul, obrigava-os a residir na propriedade. Com isso, os vizinhos mais próximos já não estavam ao lado, mas a centenas de metros de distância, separados ainda, muitas vezes, pela floresta e por caminhos quase intransitáveis (POZENATO, 2000, p. 120).

Esses encontros noturnos também foram vistos como um momento em que os primeiros imigrantes se reuniam para amenizar o sofrimento causado pela imigração e pelo abandono sofrido por parte do governo. Servia também para suportar a saudade da terra natal, dos parentes e amigos deixados na Itália, pois famílias inteiras foram divididas devido a esse processo migratório.

Cada família estabelecia consistente amizade com os vizinhos. São consideradas vizinhas as famílias cujas terras fazem limites. Entre tais famílias reinava eficaz laço de amizade em que, às vezes, por algum motivo, virava desavença. Para matar a angústia da solidão, os primeiros imigrantes passaram a se visitar quase que frequentemente e se auxiliavam até mesmo na construção da casa, na organização da lavoura, da horta, entre outras.

Para Migot (2001, p. 48), o filó era:

uma reunião de famílias, à noite, geralmente aos sábados, para conversar, tomar vinho, comer grostoli e outras guloseimas. Nas capelas, aos domingos, os homens e as mulheres não se juntavam, mas no filó juntavam-se em agradável convivência. Via de regra, reunia duas ou três famílias.

Destaca-se a importância do filó não só pelo seu aspecto sociocultural, mas também pelo aspecto econômico, pois sendo atividade exercida em horas de lazer, oferecia solução de mão-de-obra gratuita, estimulando o regime de troca, não só dos produtos da terra, como também do próprio trabalho braçal. O filó oportunizou a manutenção e, por vezes, o surgimento do artesanato doméstico, quando as mulheres remendavam a roupa, teciam as rendas de crochê, fiavam e teciam o linho (RIBEIRO, 2005).

O envolvimento social amenizava a depressão e evitava desfechos mais trágicos. Quando a saudade e o desconforto batessem à porta, o remédio era, quase sempre, um copo de vinho, uma cantoria ou um filó bem aproveitado. O filó era um momento de amenizar o sofrimento causado pela imigração.

Essas reuniões noturnas aconteciam em determinadas épocas do ano, predominantemente nos meses mais frio, ou seja, dos meses de maio a setembro, pois não havia tanto trabalho na lavoura. Nesses meses rigorosos de inverno, a maioria das famílias eram recebidas na cozinha, devido ao fogão a lenha, para que pudessem se aquecer e também para esquentar o chimarrão e colocar os pinhões e amendoim na chapa do fogão.

O filó tinha uma razão para acontecer, que era a necessidade de os participantes conviverem, de confraternizarem, de saberem notícias da Itália, dos parentes e amigos que permaneceram por lá. Também trata-se de um momento em que as cartas recebidas da Itália eram lidas para todos os presentes.

O vinho era a bebida fundamental no filó e expressava intimidade e amizade entre os vizinhos. Ilustra a questão o fato de que se oferecia vinho às visitas amigas, sem perguntar se aceitariam; já às visitas estranhas primeiramente perguntava-se se aceitariam. O importante é que o vinho, nos encontros de vizinhos, era um convite à alegria (COSTA, 1986).

Além da bebida, a mesa era também sempre farta. As famílias que saíam para fazer o filó não levavam nada para comer, pois a bebida e a comida eram oferecidas pela família anfitriã. A dona da casa, como cortesia, oferecia batata-doce cozida no forno, abóbora cozida, pinhões, pipoca, amendoim torrado, pão, salame, queijos, bolos e frutos da época.

Esses encontros fortaleciam os laços de parentesco ou de amizade e propiciavam o início do namoro e, muitas vezes, um futuro casamento, além da manutenção de determinados padrões de comportamento. Até porque os jovens não tinham muito lazer, como acontece nos dias atuais, então o filó apresentava-se como um momento propício para se conhecerem.

Segundo Favaro (1996, p. 283), “era por ocasião das festas e cerimônias religiosas nas capelas, ou nos filós da vizinhança, ou nos casamentos [...] a aproximação e o convívio propiciava a oportunidade do encontro dos olhares e o início do namoro”.

O namoro daquela época diferenciava-se, entretanto, dos dias atuais, em que o respeito era fundamental - nada de beijos e abraços. O namoro não passava de uma conversa amiga, de pessoas que se encontravam. Poder-se-ia dizer que o namoro ocorria a três, o casal de namorados e a mãe ou avó que sempre ficavam junto na sala.

Antigamente, a tradição exigia que o namoro estabelecesse distância entre os namorados. Em geral, os namorados ficavam um em cada lado da sala. Nada de sentar no mesmo banco ou andar de mãos ou braços dados. Muitos namoros tiveram seu início em frente à janela principal da casa, de pé. Só depois de algum tempo, a dona da casa oferecia cadeiras aos namorados. O dar-se as mãos significava um primeiro contato físico, mas muito pais nem isso permitiam (COSTA, 1986).

A educação sexual e íntima estava ausente do sistema familiar e social dos primeiros imigrantes. Isso evidencia uma educação incompleta, a qual se entende diante da precaução dos pais em manter oculto tudo o que se referisse a sexo, intimidade e amor.

Nos dias atuais, muitos municípios realizam os filós comunitários, que envolve um número de famílias bem maior e que se realiza em local mais espaçoso, para comportar o grande número de pessoas. O que antigamente ocorria juntando famílias numa só residência hoje se tornou uma grande confraternização comunitária. A depoente P relata o que é um filó comunitário:

O filó comunitário também é um encontro de pessoas, sejam elas conhecidas ou não, onde é realizado, geralmente em um salão da comunidade, visto que envolve um público bem maior. Normalmente a organização de um filó comunitário é feita por uma comissão de moradores da própria comunidade, com o auxílio da Administração Municipal, de patrocinadores que colaboram com donativos e com a colaboração de participantes, através de um prato ou bebida, típicos da gastronomia italiana (informação verbal³).

Na comunidade de Jacarezinho, interior do município de Encantado, também se realiza o filó comunitário, sempre no dia 20 de maio. O depoente L é um de seus organizadores e, em entrevista, diz por que surgiu e como funciona o filó comunitário no município:

[...] o filó comunitário na verdade ele surgiu como uma forma de resgate do passado dos nossos primeiros imigrantes que faziam este filó. Como havia já uma geração que ouvia falar nesse termo filó,

3 Entrevista realizada em 28 de janeiro de 2008. Depoente P. Gravação em fita minicassete. Encantado/RS.

mas não conhecia, era explicado, mas não existia a vivência, então eu falo pra ti da comunidade de Jacarezinho Houve uma iniciativa da comunidade, da diretoria da comunidade, de resgatar o filó. Mas como? Fazendo o filó. Vamos fazer um filó visitando famílias, inicialmente por meio ano. Então a gente iniciou fazendo visitas a famílias, mas de uma forma até programada. Um grupo de pessoas visitando as famílias, conversavam e procuravam fazer cenas idênticas da época dos filós. E depois então a gente passou a fazer no centro comunitário da comunidade. Como? Primeiro com um cenário característico. A gente procurava ir para o filó vestidos a moda antiga, junto o colono italiano, com a velinha na mão, a velinha a querosene, o lampião, com carroça a boi ou mesmo a cavalo. A gente fez os primeiros filós com essa encenação toda. Quando a gente chegava no ginásio comunitário, aí se faziam algumas orações e se cantavam as ladainhas em dialeto, como se fazia antigamente. Até hoje os filós de certa forma tão sendo feito desta maneira (informação verbal⁴).

No filó comunitário, como o próprio nome diz cada família leva um prato de comida típica ou uma bebida e todos comem comunitariamente, relembrando histórias dos antepassados. Isso aconteceu no filó comunitário de Jacarezinho em 2007. Nesse sentido, os organizadores têm a preocupação de que as comidas e bebidas sejam feitas de forma artesanal, ou seja, em casa, para que o filó fique o mais original possível. Em relação a esse assunto, temos:

[...] todos deveriam levar algum prato. Bem, mas a gente proibiu uma coisa, não pode passar no mercado e pegar um salgadinho, pegar um pão, um cassetinho e levar pro filó. Não é assim. Tem que ser feito em casa, de uma forma mais rústica, uma coisa bem caseira, senão perde o sentido. E a gente fica 'meio' de vigia na porta para receber as pessoas e, ao mesmo tempo, olhar o que vem levando. E alguma coisa tranca no caminho. Não, isso não vamos levar para mesa não, para mesa do filó. Por que isso não pode? Porque estamos resgatando um hábito e neste hábito não tinha as coisas mais modernas [...] (informação verbal⁵).

No município de Doutor Ricardo, também se realiza anualmente o filó comunitário, quando, além da farta gastronomia, são apresentados teatro e dança italiana. A entrevistada N é uma das pessoas responsáveis pela organização deste filó. Ela ressalta o funcionamento do filó no município de Doutor Ricardo da seguinte forma:

Bom, o filó comunitário é um retrato, é um 'resgate' do filó de antigamente, porque através do filó comunitário as pessoas tentam reviver. Eu vou falar de Doutor Ricardo, principalmente no nosso município, reviver os costumes de antigamente. Hoje os filós comunitários eles não se parecem muito com os de antigamente, mas no filó comunitário se fala, 'Ah! antigamente era assim, te lembra? A gente jogava mora, a gente comia o pinhão, a batata'. As vezes a gente coloca a batata doce assada no forno, coloca então o queijo, o salame, o vinho na mesa; faz o momento da degustação da comida típica italiana; faz o momento religioso. Nós temos aqui em Doutor Ricardo os padres, o padre Alberto que ele é italiano, canta italiano. Reza-se o terço em italiano, as ladainhas em italiano também. O filó é composto por um momento religioso, um momento artístico, onde sempre tem alguma coisa da cultura italiana, ou uma pecinha de teatro toda ela em italiano ou uma dança que nós temos também em Doutor Ricardo. Nós temos um teatro italiano; nós temos um grupo de dança italiana. Então a gente coloca essa parte artística, mas essa parte artística ela está associada ao dialeto italiano [...] (informação verbal⁶).

O filó comunitário não é mais aquele filó da necessidade, da busca da informação, da troca de informações, como se fazia antigamente. O filó, nos dias atuais, é a grande concentração, a grande confraternização das famílias, da comunidade, de comunidades vizinhas, até de uma

4 Entrevista realizada em 17 de setembro de 2007. Depoente L. Gravação em fita minicassete. Encantado/RS.

5 Entrevista realizada em 17 de setembro de 2007. Depoente L. Gravação em fita minicassete. Encantado/RS.

6 Entrevista realizada em 21 de novembro de 2007. Depoente N. Gravação em fita minicassete. Doutor Ricardo/RS.

região. É o grande momento de confraternizar e valorizar aquilo que os nossos antepassados nos transmitiram.

Para que a cultura continue se perpetuando, a história deve ser transmitida aos mais jovens. Nesse intuito, a história oral pode ser uma grande aliada nessa tarefa, pois é um documento histórico muito importante. Por intermédio da história oral e da coleta de dados obtidos por meio das entrevistas, o passado também pode ser documentado, visto que:

[...] Entrevistas de história oral são fontes que documentam o passado - experiências pessoais, acontecimentos, conjunturas - e as concepções sobre passado através de sequências narrativas, isto é, pequenas histórias cujo sentido está atrelado à forma com que são narradas, sendo impossível dar conta do primeiro (o sentido) sem considerar a segunda (forma) (ALBERTI, 2004, p. 73).

Os imigrantes italianos deixaram um legado de trabalho, de cultura e de fé, representados na culinária, no dialeto, nas canções, na religião, na alegria e na maneira de viver. Acredita-se que registrar e preservar as diferenças linguísticas, as tradições e as características culturais que compõem a história de um povo por meio desses encontros enobrecem o passado e o presente e, certamente, deixará para o futuro um legado muito valioso.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Concluindo, percebe-se que a cultura italiana no Brasil é mantida, mas se reatualizou por meio de elementos novos e não se repete da maneira como ocorria na Itália. Isso é o que também acontece com os filós. A prática do filó manteve-se, mas no contato com outras etnias agregou vários elementos novos, principalmente dos alemães, açorianos e dos luso-brasileiros, demonstrando, dessa forma, que a cultura não ficou intacta, repetindo-se exatamente como ocorria na Itália. Reforçam essa hipótese estudos de autores como Geertz (1978), Santos (1983), Brandão (1986), Barth (1998) e Burke (2003), os quais reafirmam que a cultura não é estática, parada e morta; muito pelo contrário, a cultura é um processo dinâmico e em constante transformação.

Sendo assim, os filós também reatualizaram a sua função no Rio Grande do Sul, em que, de um simples encontro de convívio social que ocorria na Itália, devido a uma vizinhança próxima, passaram a ser também um encontro de ajuda e apoio mútuo em territórios de cultura italiana no Vale do Taquari e fora dele, pois os vizinhos mais próximos já não estavam ao lado, mas a centenas de metros de distância, separados, muitas vezes, pela floresta e por caminhos quase intransitáveis. A partir disso, não é difícil imaginar o quanto a função do filó se modificou, tornando-se um momento para dividir as angústias e medos, de conforto psicológico, de comunicação, de confraternização e principalmente de entretenimento. Portanto, constata-se que não houve o puro e simples transplante de um costume, mas a sua reatualização em vista de novas necessidades, ou seja, no lugar de um projeto de vinculação à tradição, a cultura italiana, e particularmente o filó, desenvolveu-se no Rio Grande do Sul devido ao modo de adaptação às novas condições encontradas.

REFERÊNCIAS

ALBERTI, Verena. **Ouvir e contar**: textos em história oral. Rio de Janeiro: FGV, 2004. ① ②

BARTH, Fredrik. Grupos étnicos e suas fronteiras. In: POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. **Teorias da etnicidade**. São Paulo: UNESP, 1998. ① ② ③

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Identidade & Etnia**: construção da pessoa e resistência cultural. São Paulo: Brasiliense, 1986. ① ②

- BURKE, Peter. **Hibridismo cultural**. São Leopoldo: Unisinos, 2003. ① ② ③ ④
- COSTA, Rovílio. **Imigração italiana no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Caxias do Sul: EST/EDUCS, 1986. ① ②
- DE BONI, Luis A.; COSTA, Rovilio. **Os italianos no Rio Grande do Sul**. 2. ed. Porto Alegre: Vozes, 1982. ① ②
- FAVARO, Cleci Eulália. Amor à italiana (O real e o imaginário nas relações familiares na Região de Colonização Italiana do Rio Grande do Sul). In: DE BONI, Luis A. et. al. (Org). **A presença italiana no Brasil**. Porto Alegre: Escola Superior de Teologia São Lourenço de Brindes, 1996. v. 3. ①
- _____. Os "Italianos": entre a realidade e o discurso. In: BOEIRA, Nelson; GOLIN, Tau. **Império**. São Paulo: Méritos, 2006, v. 2. p. 301-319. ①
- GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. ① ②
- GOMES, Vanderlisa F. **Os filós comunitários e a cultura italiana**. 2008. 121 f. Monografia (Graduação) - Curso de História, Centro Universitário UNIVATES, Lajeado, 2008.
- IOTTI, Luiza Horn. **O olhar do poder: a imigração italiana no Rio Grande do Sul, de 1875 a 1914, através dos relatórios consulares**. Caxias do Sul: EDUCS, 1996. ①
- JANOTTI, Maria de Lourdes Mônico. Refletindo sobre História Oral: procedimentos e possibilidades. In: MEIHY, José Carlos Sebe Bom (Org.). **(Re)introduzindo a História Oral no Brasil**. SP: Xamã, 1996. p. 58-62. ① ②
- MANFROI, Olívio. **A colonização italiana no Rio Grande do Sul: implicações econômicas, políticas e culturais**. 2. ed. Porto Alegre: Est, 2001. ① ② ③
- _____. Imigração e nacionalismo. In: SIMPÓSIO INTERNACIONAL SOBRE A IMIGRAÇÃO ITALIANA, 1996, Caxias do Sul. **Anais...** Caxias do Sul: EDUCS, 1999. p. 44-54. ①
- MIGOT, Aldo Francisco. Manifestações de sociabilidade entre imigrantes italianos e seus descendentes, no Rio Grande do Sul. In: SULIANI, Antônio (org). **Etnias & carisma; poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 45-53. ①
- MOLON, Floriano. A influência da imigração italiana na mesa do brasileiro. In: SULIANI, Antônio (Org.). **Etnias & carisma; poliantéia em homenagem a Rovílio Costa**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2001. p. 457-468. ① ②
- POZENATO, José Clemente. A cultura da imigração italiana. In: CARBONI, Florence; MAESTRI, Mário (Org.). **Raízes italianas do Rio Grande do Sul: 1875 - 1997**. Passo Fundo: UPF, 2000. p. 117-129. ①
- RIBEIRO, Cleodes Maria Piazza Julio. **Anotações de literatura e de cultura regional**. Caxias do Sul: EducS, 2005. ①
- SANTIN, Silvino (UFSM). Integração sócio-cultural do imigrante italiano no Rio Grande do Sul. In: DE BONI, Luis Alberto (org). **A presença italiana no Brasil**. v. 2. Porto Alegre: EST/Torino: Fundação Giovanni Agnelli, 1996, p. 593-610. ①
- SANTOS, José Luiz dos. **O que é cultura**. 10. ed. São Paulo: Brasiliense, 1983. ① ② ③

